



Cada povo indígena tem uma história para explicar a origem do mundo, dos objetos, das coisas e até dos brancos. Os **Munduruku**, que vivem nos estados do Pará e do Amazonas, e mantêm contato com os brancos há aproximadamente 400 anos, também têm suas histórias. São um povo forte, caçador, agricultor, que se tornou conhecido pela bravura nas guerras. Do tronco lingüístico Tupi, os **Munduruku** se autodenominam **Uëijenhã** (gente). Também são conhecidos, por outros povos, por **Uiauniem** ou **Paim-quece** (corta-cabeças) porque os antigos tinham o costume de ambalsamar as cabeças de inimigos capturados em guerra. Veja abaixo a gênese deste povo, no vale do Tapajós, (Pará) publicada originalmente em "Estudos sobre a Tribo Munduruku", em 1875, por Antônio Manoel Gonçalves Tocantins.

# Origem mítica dos Munduruku



Rosirene Nascimento

Os primeiros homens que apareceram sobre a terra fundaram a maloca de Acupary. Caru-Sacaebê apareceu entre eles e lhes ensinou a caçar. Até então só havia caça inferior: Caru-Sacaebê fez aparecer caça maior.

Não teve pai nem mãe, teve um filho de nome Carutaú e um companheiro de nome Rayru, que o reconhecia por mestre.

Um dia Caru-Sacaebê foi infeliz na caça. Voltou a Acupary e mandou seu filho Carutaú que fosse pedir alguma ave, inhambu ou perdiz aos caçado-

res, que tinham matado muitas. Os caçadores, porém, recusaram e, por escárnio, atiraram a Carutaú as penas das aves, dizendo: "Teu pai também é bom caçador". Três vezes Carutaú repetiu o pedido, três vezes os caçadores recusaram.

Então Caru-Sacaebê recolheu as penas que eles haviam atirado por escárnio a Carutaú e fincou-as uma por uma em torno da maloca. E súbito, com um gesto, converteu em porcos bravios todos os habitantes de Acupary, homens e mulheres, velhos, mo-

ços e crianças. Estes animais vorazes iam esbravejando dispersar-se, quando Caru-Sacaebê, com outro gesto, transformou as penas em elevados morros.

Junto da atual maloca de Acupary existe, com efeito, uma vasta caverna. Dizem os **Munduruku** que ainda hoje se ouvem ali grunhidos de porcos selvagens e ruídos de agonia. Outros afirmam que à entrada da caverna encontram-se enfeites de mulheres, com braceletes feitos de ouriço de castanha e outros vestígios da tremenda catástrofe. Os **Munduruku** não ousam penetrar na caverna de Acupary.

Então Caru-Sacaebê retirou-se acompanhado de Rayru, único que sobreviveu ao desastre de Acupary. Chegando ao lugar onde está Necodemus (aldeia), bateu com o pé a terra, e, de uma larga fenda que se abriu, tirou um casal de **Munduruku**, um casal de brancos, um de índios e um de pretos. O casal de **Munduruku**, Caru-Sacaebê pintou da mesma forma como ele próprio estava pintado, e foi o princípio da maloca de Necodemus e o tronco da tribo, que se tornou numerosa e pujante, a ponto de fazer estremecer a terra quando marchava para a guerra. Os brancos, os índios e os pretos dispersaram-se e foram povoar outras terras.

Em Necodemus, Caru-Sacaebê preparou um campo, semeou-o e, quando saíram as primeiras chuvas, bro-

tuou a mandioca, o milho, a batata, o cará, o algodão e outras plantas alimentícias e medicinais. Ensinou a construir fornos e a preparar a farinha. Fez uma pequena estátua de madeira, animou-a e chamou-a Hanhu-Acauate, que foi seu segundo filho. Para servir da mãe a Hanhu-Acauate, Caru-Sacaebê adotou por companheira uma donzela da tribo chamada Chicridhá.

Cresceu Hanhu-Acauate, mas algumas mulheres iludiram a vigilância de Chicridhá e abusaram da inocência de Hanhu-Acauate. Caru-Sacaebê converteu Hanhu-Acauate em anta, e Chicridhá e as mulheres culpadas em peixes.

Necodemus já estava poderosa e forte.

Caru-Sacaebê traçou sobre um rochedo elevado, entre Acupary e Necodemus, os caracteres simbólicos, que ainda hoje se vêem nos morros de Areucrê. Fez com que Rayru fosse arrebatado pelas nuvens, e desapareceu de Necodemus, seguindo o curso do Tapajós, à margem esquerda do qual em altura onde não pode chegar a mão do homem — traçou também os caracteres da barranca de Cantagalo. E, desde então, nunca mais se soube para onde foi. Os **Munduruku** guardam fielmente a memória de seus feitos e pintam-se rigorosamente. Também as mulheres e filhos são pintados da mesma forma como Caru-Sacaebê era pintado.

